



RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDES, AGROECOLOGIA, CULTURA E ARTE EM BELO HORIZONTE/MG

Ghiulia Cabral Martins ¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar iniciativas de agroecologia mobilizadas por juventudes no município de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, buscando analisar, principalmente, as relações entre juventudes, agroecologia, cultura e arte, a fim de compreender como essas categorias se fortalecem e motivam os jovens a (re)construir e transformar seus territórios. Para atingir esse propósito, realizou-se um mapeamento das experiências, coleta de dados e informações, visitas de campo e entrevistas, além de uma pesquisa bibliográfica sobre as temáticas. Recentemente, juventudes urbanas têm se engajado em atividades de cunho ambiental e agrícola, muitas vezes por meio das práticas agroecológicas, buscando alternativas para habitar e se relacionar com o espaço urbano. Nesse sentido, este trabalho procura investigar como as práticas artístico-culturais se apresentam como instrumentos importantes de comunicação, mobilização e sensibilização para aproximar jovens urbanos de questões socioambientais.

Palavras-chave: Juventudes, Agroecologia, Agricultura Urbana, Arte, Cultura.

ABSTRACT

The present work aims to highlight agroecology initiatives mobilized by youth in the municipality of Belo Horizonte, the capital of the state of Minas Gerais, seeking to analyze primarily the relationships between youth, agroecology, culture, and art, in order to understand how these categories strengthen and motivate young people to (re)construct and transform their territories. To achieve this purpose, a mapping of experiences, data and information collection, field visits, and interviews were conducted, along with a literature review on the themes. Recently, urban youth have been engaging in environmental and agricultural activities, often through agroecological practices, seeking alternatives to inhabit and relate to urban space. In this context, this work seeks to investigate how artistic and cultural practices serve as important instruments for communication, mobilization, and awareness to bring urban youth closer to socio-environmental issues.

Keywords: Youth, Agroecology, Urban Agriculture, Art, Culture.

INTRODUÇÃO

As juventudes são um aspecto importante para se pensar e construir futuros que abracem valores como a justiça e igualdade socioambiental e econômica, a valorização dos saberes tradicionais, a soberania e segurança alimentar e nutricional, a valorização da cultura, e a responsabilidade intergeracional. Atualmente, na cidade de Belo Horizonte, capital do

¹ Graduada em Ciências Socioambientais e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, ghiuliacabral@gmail.com;

estado de Minas Gerais, existem diversas experiências de agroecologia em que jovens participam e até protagonizam, motivados pela preocupação ambiental, geração de renda, pela busca por alimentos saudáveis, vontade de transformar seu entorno, entre outras razões.

É fundamental perceber e compreender a relação entre as juventudes e a agricultura nas cidades. Embora os estudos voltados às juventudes rurais sejam imprescindíveis para se pensar a questão da sucessão rural e os sistemas alimentares, é necessário olhar também para as juventudes urbanas, já que a prática agrícola não se limita apenas às áreas rurais. Logo, é necessário estudar essa relação de modo a visualizar e compreender como essas experiências podem contribuir na construção de cidades mais sustentáveis e sistemas alimentares mais saudáveis e justos.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende colocar em evidência iniciativas de agroecologia mobilizadas por jovens em Belo Horizonte, procurando analisar, principalmente, as relações entre juventudes, agroecologia, cultura e arte, de modo a entender como essas categorias se fortalecem e provocam jovens a (re)construir e transformar seus territórios.

METODOLOGIA

Serão apresentadas reflexões sobre as conexões entre juventudes, agroecologia, arte e cultura em Belo Horizonte, buscando compreender como essas relações acontecem e influenciam na produção e transformação de espaços urbanos, na produção alimentar e nas vidas de jovens da cidade. Ainda, foi realizada a caracterização e mapeamento de experiências com o intuito identificá-las, analisá-las e compará-las, a partir de levantamentos de dados e informações, visitas de campo com metodologias participativas e entrevistas, construídas na dissertação de mestrado da autora, intitulada **Juventudes e Agroecologia: cultivando espaços e práticas de agricultura na Região Metropolitana de Belo Horizonte (2023)**.

REFERENCIAL TEÓRICO

O papel e a concepção da juventude na sociedade vêm mudando ao longo do tempo. Antes vista como uma fase de transição para a vida adulta, hoje é compreendida como uma categoria social com características próprias. O fator biológico ou a idade não são suficientes para explicar a condição de juventude de maneira completa. Isso se deve ao fato de que a

juventude não se refere apenas a uma fase da vida, mas também é um produto social. Sob uma perspectiva sociológica, a juventude é considerada uma categoria ou condição social, pois está inserida em uma estrutura social e é composta por um coletivo de indivíduos (GROPPO, 2017). Dessa forma, as várias juventudes estão relacionadas e subordinadas a uma estrutura de privilégios e deveres, e enquadrar a juventude meramente como uma "fase de transição para a vida adulta" pode perpetuar interpretações que reforçam relações de poder e hierarquia social (CASTRO et al, 2009).

Privilegiar a característica de transitoriedade nas percepções sobre juventude transfere, para aqueles assim identificados, a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivência, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados (CASTRO et al, 2009, p. 43).

A reflexão sobre o tema é necessária para pensar em uma nova sociologia da juventude que contemple suas diversidades e misturas, as relações de poder, cultura, socialização e relação com o espaço.

Nesse sentido, buscamos compreender e identificar neste trabalho como as ações das juventudes têm impulsionado a formação e fortalecimento de espaços de agroecologia em Belo Horizonte e como a arte e a cultura estão fortemente atreladas a esse processo.

A agroecologia pode ser considerada ciência, prática e movimento social, de acordo com Wezel et al. (2009), as práticas agroecológicas referem-se às técnicas agrícolas apropriadas para cada contexto, destinadas a promover uma agricultura ecológica, orgânica e sustentável. Sobre seu papel como movimento social, a agroecologia pode se manifestar de várias maneiras, desde grupos de agricultores que buscam a produção de alimentos seguros, soberania alimentar e autonomia, até movimentos políticos que promovem o desenvolvimento rural, como observado no Brasil. Ademais, observa-se que a agroecologia vem sendo associada também a um modo de vida, ética, ideologia ou utopia (NORDER et al., 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, foram mapeados, até o presente momento, 28 grupos de agroecologia na região metropolitana de Belo Horizonte, sendo 19 na capital, em que jovens participam e organizam práticas agrícolas, ou pesquisam e atuam com as temáticas da agroecologia, da agricultura urbana e da economia popular e solidária. Dessas 19 iniciativas, pelo menos 09

utilizam diferentes práticas artístico-culturais como estratégia de abordagem, mobilização, registro e forma de expressão, sendo elas: Agroecologia no Brejinho, AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana, Clareia a Terra, Escadão Agroecológico, Jardim Mandala, Hortelões da Lagoinha, Horto do IGC, Núcleo Lixo Zero, Roots Ativa e Teia dos Povos - Minas Gerais. Nesses grupos, a utilização de recursos como música, grafite, desenho, pintura, dança, entre outros, são observados em encontros, mutirões, eventos, reuniões, assim como de forma permanente nos espaços.

Portanto, procuro analisar aqui as relações entre juventudes, agroecologia, cultura, arte e comunicação, de modo a entender como essas categorias se fortalecem e provocam jovens a (re)construir e transformar seus territórios.

No movimento agroecológico existe uma série de metodologias participativas que trazem perspectivas artístico-pedagógicas para sistematização de experiências, como cirandas, poemas, música, instalações, construção de “rios do tempo”, contação de histórias, círculos de cultura, entre outros. O uso dessas metodologias é muito comum nos (ou entre os) Núcleos de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica - NEAs na prática de ensino, pesquisa e extensão².

Uma dessas metodologias é a facilitação gráfica, ou seja, a representação e síntese de informações a partir de ilustrações e representações gráficas, que aparece como instrumento de relato de atividades, sistematização e colheita de histórias de alguns desses grupos. Os NEAs, como o grupo AUÊ! Estudos em Agricultura Urbana do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, utilizam dessa metodologia para sintetizar ideias, sonhos, conhecimentos e histórias, de modo a registrar, comunicar e facilitar a sistematização e reprodução dessas informações.

Para nós, mais do que uma ferramenta comunicativa, a facilitação é uma forma de potencializar o diálogo com a sociedade. Representa uma possibilidade de ampliar nossa capacidade de escuta aos agricultores, agricultoras e demais sujeitos, e, a partir dessa interação, construir caminhos nos quais o diálogo entre diferentes saberes possa ser reconhecido e visibilizado (ABA-Agroecologia, 2017b, p.49).

As facilitações gráficas são uma forma de se comunicar e dialogar com a sociedade. Elas permitem registrar emoções, momentos e diversidade de pessoas e opiniões, para além

² Algumas dessas estratégias para viabilizar processos de ensino-aprendizado e construção do conhecimento agroecológico estão sistematizadas na publicação “Caderno de Metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico”, publicado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA): <https://aba-agroecologia.org.br/caderno-de-metodologias/>.

das informações, conhecimentos, histórias e falas compartilhadas. Na relatoria gráfica “O que é agroecologia para você?” (Figura 01), feita pelo grupo AUÊ em uma oficina com agricultores/as em São Joaquim de Bicas, em 2018, podemos perceber como essa metodologia se aplica na prática. Há um registro do fluxo de tópicos debatidos e das falas e opiniões que surgiram em cada temática, acompanhados de ilustrações, sistemas e cores que trazem vida ao registro.



Figura 01: Facilitação gráfica “O que é agroecologia para você?” do grupo AUÊ.
Fonte: acervo AUÊ, 2018.

Outra manifestação cultural observada entre os grupos pesquisados é a presença de cortejos e blocos de carnaval. O carnaval de Belo Horizonte teve um crescimento expressivo entre 2012 e 2015, essa retomada teve origem em grupos autogeridos, buscando a ocupação de espaços públicos e reivindicações políticas através de manifestações festivas (DIAS, 2015).

[...] no caso de Belo Horizonte, vários blocos de rua, através da diversidade de estandartes, fantasias e brincadeiras, sustentam uma variedade de bandeiras políticas, sociais e espaciais que repercutem para além do período da folia e da temática do carnaval. Nesse sentido, alguns blocos de carnaval belo-horizontinos já são identificados pelos demais foliões de acordo com a tônica de suas reivindicações como a defesa pela apropriação dos espaços públicos, áreas marginalizadas, bairros periféricos, vilas e favelas (blocos “Praia da Estação”, “Tico Tico Serra Copo”, “Pena de Pavão de Krishna”, “Então, Brilha”), o apoio aos movimentos populares por moradia (blocos “Filhos de Tcha Tcha” e “Tico Tico Serra Copo”), a criação de espaços livres de produção cultural (bloco “Blocomum”) e questões relacionadas ao transporte público e mobilidade urbana (bloco “Bloco Pula Catraca! - Associação Carnavalesca Antitarifária” e “Bloco da Bicletinha”) (DIAS, p. 138, 2015).

Nas experiências de agroecologia analisadas neste trabalho, cortejos e blocos de carnaval também estão presentes como forma de se manifestar, mobilizar e animar processos, além da apropriação e ocupação de diferentes espaços urbanos.

O Escadão Agroecológico, por exemplo, recebeu o bloco de maracatu Humaitá durante os períodos de folia de 2019 e 2023 (Figura 02), além de sediar diversos ensaios. A iniciativa teve início com a participação de pessoas envolvidas com o maracatu, que passaram a frequentar o local e a realizar atividades como trocas de sementes, feiras e diversas outras atividades, como oficinas. Posteriormente, membros do Bloco Humaitá, também integrantes do Bloco Encantado, demonstraram interesse na iniciativa e começaram a realizar atividades no espaço, incluindo ensaios e participação no carnaval.

É digno de nota que, como resultado desse movimento de pessoas, outras celebrações foram surgindo no local, ampliando as opções de eventos além do Bloco Humaitá e contribuindo para a movimentação do Tulipas Bar, um empreendimento local. Embora o impacto dessas atividades não tenha sido tão significativo em relação às intervenções agrícolas, a prática da agroecologia demonstrou ser resiliente e, de certa forma, proporcionou uma fonte adicional de renda para o estabelecimento e outros/as produtores/as e comerciantes da região a partir da revitalização e ocupação do espaço.



Figura 02: Bloco Humaitá no Escadão Agroecológico.
Fonte: acervo pessoal, 2023.

Já o Grande Bloco do Encontro, criado no contexto de preparação e mobilização para o IV Encontro Nacional de Agroecologia, realizado no ano de 2018, em Belo Horizonte, tem o objetivo de unir e sensibilizar moradores da região oeste de BH para questões ambientais, como o movimento SOS Mata do Jardim América. Recentemente, em março de 2023, o bloco realizou um cortejo na inauguração do Núcleo Lixo Zero, sediado no bairro Santa Tereza (Figura 03).



Figura 03: Cortejo para inauguração do Núcleo Lixo Zero Anhanguera.
Fonte: acervo pessoal, 2023.

Em 2020, o bloco Tico Tico Serra Copo, que tem a tradição de explorar espaços da cidade, realizou seu trajeto no Parque Ecológico do Brejinho, onde se encontra o sistema agroflorestal do coletivo Agroecologia no Brejinho. O bloco de carnaval também protestou pela criação do parque, que ainda não havia sido implementado (Figura 04).



Figura 04: Bloco Tico Tico Serra Copo no Parque Ecológico do Brejinho.
Fonte: acervo Agroecologia no Brejinho (Facebook), 2020.

Outra atividade que essa experiência recebeu foi uma cicloexpedição (Figura 05) conectando as águas do bairro Lagoinha e do Brejinho, no Dia da Mobilidade, dia mundial sem carro, em 2019. A ação busca conhecer espaços, movimentos e pessoas da cidade. Nesse contexto, estabeleceu-se um intercâmbio de ideias com os integrantes do grupo Hortelões da Lagoinha. Neste dia, havia uma atmosfera cinzenta devido às queimadas, a visibilidade estava comprometida pela densa fumaça que obscurecia os horizontes. Contudo, no meio desse caos climático, ambiental e socioambiental, a capacidade de vislumbrar lampejos de esperança em meio à tumultuada paisagem urbana conferiu um vigor adicional.

Esse dia foi impulsionado por manifestações musicais, como cantorias, forró, coco e samba, os quais desempenham um papel significativo na luta empreendida. A incorporação desse componente afetivo e cultural no engajamento reforça consideravelmente a motivação na busca por melhorias e transformações.

Nesta edição, a proposta era vivenciar coletivos que trabalham com agroecologia como forma de ocupar a cidade. O circuito de bicicleta foi iniciado no bairro Lagoinha, onde foi compartilhado um pouco das suas histórias e sua importância para Belo Horizonte, a partir dos grupos Viva Lagoinha e Lobas da Lagoinha. Depois, houve uma visita ao coletivo Hortelões da Lagoinha, e, por fim, um momento de culminância no parque, com o coletivo

TABOA, que contou com música e dança (coco, forró e capoeira), além de plantios e um lanche coletivo.

No Agroecologia no Brejinho, muitas vezes, inicia-se os mutirões coletivos com manifestações musicais, envolvendo cantorias e instrumentos ao longo da ação. Em alguns momentos específicos, foi realizado um chamado direcionado à comunidade do Brejinho. Destaca-se a realização de um sarau e mutirão particularmente significativo, no qual uma família local, que já participava ativamente dessas ações coletivas, compôs um hino dedicado ao Brejinho. Esse hino não apenas enaltece a história local, mas também proporciona uma experiência afetiva e criativa.

Um pulo brejeiro, Um voo brejeiro, Um abraço brejeiro
Vem pra cá pra plantar, Vem pra cá pra cuidar
Proteger as nascentes, A água corrente,
Água que mata a sede, Brejo que é a nossa sede
Vem pra cá pra plantar, Vem pra cá pra cuidar
Aqui tem guardião, Chico Brincalhão,
Enxada na mão, Sememte no chão
Vem pra cá pra plantar, Vem pra cá pra cuidar
O Brejo é meu, O Brejo é seu, O Brejo é nosso pra se respeitar
Vem pra cá pra plantar, Vem pra cá pra cuidar
É Lindaura Guerreira, Sãozinha sementeira,
Comunidade inteira, e o sol a brilhar!
Vem pra cá pra plantar, Vem pra cá pra cuidar
Vem pra cá aprender, Vem pra cá ensinar
(Hino do Brejinho, 2021).



Figura 05: Cicloexpedição no Parque Ecológico do Brejinho.
Fonte: acervo Agroecologia no Brejinho (Facebook), 2019.



O coletivo Hortelões da Lagoinha, que desenvolve a experiência agroecológica “Quintal do Seu Antônio” em uma área remanescente da duplicação da Avenida Antônio Carlos, também já recebeu outros eventos além da cicloexpedição, como atividade na programação da Virada Cultural de BH, cinema no quintal, eventos em carnavais, oficinas, rodas de conversas e mutirões embalados por música, além das muitas performances de teatro como “Sarau das Cachorras” e “Geni”, projetos culturais da moradora ativista e atriz que mobilizou a experiência.

Foram realizadas diversas intervenções, incluindo a participação em eventos como a Virada Cultural de BH. A proposta consistia em uma pedalada pela cidade com o intuito de identificar plantas alimentícias não convencionais. Durante o percurso, havia paradas em quintais, onde posteriormente ocorria um plantio simbólico. Destaca-se, por exemplo, a realização de um plantio de girassóis em um hotel localizado na junção do viaduto Santa Tereza com a Rua Andradas, embora o sucesso do desenvolvimento dessas plantas tenha sido limitado.

Outras ações incluíram a realização de sessões de cinema no quintal em parceria com o Fórum DOC (Figura 06), evidenciando a colaboração com esse espaço de significativa relevância. Essas atividades contribuíram para a dinâmica e potencialização do local.



Figura 06: Hortelões da Lagoinha: cinema no quintal.
Fonte: acervo Hortelões da Lagoinha, 2021.



A relação com outros movimentos e grupos do bairro Lagoinha também foi essencial para fortalecer e dar sentido à luta, como por exemplo a articulação com a Casa de Caridade Pai Jacob do Oriente - CCPJO, um terreiro de umbanda, território tradicional e espaço cultural. Essa conexão foi importante para que o coletivo se conectasse mais com aquele lugar como um todo, envolvendo outros projetos da região, escutando outras vozes, entendendo a história e os desafios.

Com a duplicação da avenida Antônio Carlos, a população também é afastada, principalmente para a Pedreira Padre Lopes e dentro do Lagoinha, que é a região onde as pessoas se concentraram durante a construção da cidade de Belo Horizonte. E, ao mesmo tempo, povos de matriz africana também são distanciados e há um aumento de religiões conservadoras. Portanto, essa conexão foi muito importante para estabelecer esses laços, entre pessoas da agroecologia e de matriz africana nesse território.

Uma influência significativa foi a interação com a CCPJ que orientou no que diz respeito à identidade enquanto membros dos Hortelões da Lagoinha, bem como em relação às diretrizes sobre o que poderiam realizar. Uma das primeiras configurações assumidas pelo espaço foi a criação de três mandalas produtivas. Inicialmente, o plantio no local ocorreu de maneira relativamente aleatória, até que a CCPJO sugeriu a concepção de três mandalas circulares, cada uma delas nomeada com palavras que significam "água" em diferentes idiomas africanos (Figura 07).

Ao realizar a primeira e única celebração significativa, denominada "A Bença", o coletivo recebeu da casa para realizar um assentamento e criar um estandarte, incorporando uma força espiritual que atuava como forma de resistência política dentro do local.



Figura 07: Construção da mandala *Amunga* no Quintal do Sô Antônio.
Fonte: acervo Hortelões da Lagoinha (Instagram), 2021.

Já os grafites e pinturas, muito presentes, principalmente, nas experiências Escadão Agroecológico, Clareia a Terra e Jardim Mandala, mas que aparecem em alguma medida em várias iniciativas, também são um meio de expressão percebido nos grupos. O grafite é uma forma de atrair o olhar, encantar, brincar e comunicar uma mensagem. Por exemplo, no muro do Escadão Agroecológico lê-se a frase “Solo sadio, planta sadia, ser humano sadio”, citação de Ana Primavesi, engenheira agrônoma responsável por vários avanços no campo agroecológico (Figura 08).



Figura 08: Muro do Escadão Agroecológico.
Fonte: acervo pessoal, 2023.

O Jardim Mandala traz as pinturas e artes manuais em paredes, vasos, e no ambiente como um todo (Figura 09), para criar uma atmosfera de tranquilidade que abraça os valores da arte, da natureza e da educação.

No Agroecologia no Brejinho e no Horto do IGC também vemos plaquinhas pintadas com frases que pedem atitudes de respeito ao espaço ou que falam sobre natureza e agroecologia. Seja em muros ou plaquinhas pregadas nas hortas (Figura 10), as frases e desenhos cumprem a função de conscientizar, sensibilizar e comunicar, sentimentos e valores socioambientais para todos que passam por ali. Essa ação ajuda a visibilizar a experiência, mostrar que existem pessoas cuidando, atentas ao que está acontecendo ali, e que se importam com aquele espaço.

No Brejinho, a partir do momento em que começaram a plantar, a ter um movimento de pessoas, a realizar mais reuniões, a pintar plaquinhas e pendurá-las, a falar que ali se planta e que é necessário cuidar, tanto as pessoas que frequentavam o lugar passaram a respeitar um pouco mais o Brejinho, quanto o poder público e a fundação de parques começaram a

entender que ali, com um coletivo envolvido, talvez valesse mais a pena investir na implantação do parque.



Figura 09: Artes no Jardim Mandala - FAE.
Fonte: acervo pessoal, 2023.



Figura 10: Plaquinhas no Sistema Agroflorestal do Agroecologia no Brejinho.
Fonte: acervo pessoal, 2022.

Barbosa e Silva (2012, p.5-6), afirmam que a práxis artística das juventudes encontra-se nas ruas, em forma de provocação cotidiana e com a intenção de transformar a paisagem urbana, sendo produzida para manifestar indignação, ideias, protestos:

A práxis artística juvenil, ao contrário, encontra-se nas ruas. Intencionalmente se coloca como provocação cotidiana aos sentidos, ao olhar e aos ouvidos do cidadão comum. Há nessa proposta uma firme intenção em intervir na paisagem urbana. Em desnaturalizar o edificado e, promover o estranhamento, romper com a aceitação passiva da ordem estabelecida. A arte que se encontra inscrita nas praças, becos, vielas, casas noturnas, bares, túneis, muros e postes, é de natureza fugaz, profana, não se importando em ser profanada, em permanecer desprotegida, desabrigada, sujeita à ação de pessoas e ao tempo, porque deseja exprimir-se momentaneamente, manifestar inconformismo, engajamento e protesto.

Em vários muros de Belo Horizonte, encontra-se a frase “Agroecologia é vida” (Figura 11), assim como outras variações dessa mesma afirmação, como “Agroecologia é vida, é diversidade, é tudo”. Essas afirmações se propagaram pelo movimento agroecológico no Brasil, contradizendo o slogan “Agro é pop, agro é tech, agro é tudo”, da campanha publicitária da Rede Globo de Televisão que faz referência ao agronegócio no Brasil. A afirmação agora pode ser vista em bairros de diversas regiões de Belo Horizonte, principalmente daqueles em que se encontram experiências agroecológicas, e acaba por atrair olhares de quem conhece ou não o conceito.



Figura 11: Mosaico de imagens com frases “Agroecologia é vida” em muros de Belo Horizonte.
Fonte: acervo pessoal, 2023.

Citamos aqui, brevemente, algumas manifestações culturais e artísticas utilizadas por jovens que participam e promovem experiências agroecológicas na RMBH, mas existem muitas outras, tanto nessas iniciativas quanto no âmbito do movimento nacional. Esses recursos podem ser usados para comunicar ideias e valores, acolher e gerar laços, inspirar e estimular atividades, promover a compreensão e o diálogo, sensibilizar e repassar aprendizados. Além disso, muitas metodologias participativas que utilizam de comunicação, arte e cultura, fazem parte do movimento agroecológico como estratégias de estimular o ensino-aprendizagem, a sistematização de experiências e a construção do conhecimento agroecológico (BIAZOTI et al., 2017).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agroecologia representa uma alternativa ao modelo da agricultura tradicional, que promove práticas como a monocultura e o uso de agroquímicos, construindo sistemas agrícolas que promovam a biodiversidade, práticas ecológicas, além de valores sociais, que buscam relações mais justas de trabalho e a valorização dos/as agricultores/as, das comunidades tradicionais e dos saberes populares. No contexto urbano, essas práticas e movimentos da agroecologia podem ajudar a construir territórios mais sustentáveis, que promovam saúde, biodiversidade, segurança alimentar e alternativas de renda.

As juventudes rurais assumem um papel importante quando pensamos no futuro dos sistemas alimentares no Brasil, mas enfrentam o desafio de lutar pelas condições que assegurem a permanência no campo. Já a juventude urbana se distancia cada vez mais das práticas agrícolas. Entretanto, em Belo Horizonte, jovens de diversos contextos têm se organizado para promover espaços de agroecologia, motivados por diferentes questões, como geração de renda, preocupação ambiental, vontade de estar em contato com a terra, entre outros. Para essas grupos, a cultura e a arte estão presentes no fazer agroecologia, na forma de comunicar e interagir, além disso, práticas artístico-culturais podem ser uma estratégia de sensibilização, mobilização e uma abordagem metodológica para que jovens urbanos se interessarem e se envolvam em questões ambientais e sociais, além de inspirá-los e motivá-los a se tornarem promotores dessa mudança.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A.; SILVA, J. C. G. Silva.. Juventude e Práticas Artísticas e Culturais nas Metrópoles, **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 1, No 2, 2012. Acesso em 15 maio 2023: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/611>.

BIAZOTI, A.; ALMEIDA, N.; TAVARES, P. (organização). **Caderno de metodologias: inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico**, Universidade Federal de Viçosa. 1. ed. P. 49, Viçosa, 2017.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; Almeida, S. L. F. ; RODRIGUES, M. E. B. ; CARVALHO, J. G.. **Os Jovens estão indo embora? - Juventude rural e a construção de um ator político**. Rio de Janeiro: Mauad/ EDUR, 2009.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude** - Jundiaí. Paco Editorial, 2017a.

NORDER, L. A.; LAMINE, C.; BELLON, S.; BRANDENGURG, A. Agroecologia: polissemia, pluralismo e controvérsias. **Revista Ambiente & Sociedade**, v. XIX, n. 3, p. 1-20, jul./set. 2016.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, vol. 29, no. 4, p. 503–515, 2009.